

TEATRO EM COMUNIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA INFÂNCIA

Maite Teixeira (IC-UNIRIO); Marina Henriques (orientador)

1 – Departamento do Ensino de Teatro; Escola de Teatro; Centro de Letras e Artes; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A pesquisa explorou como a prática pedagógica e artística com crianças pode consolidar uma educação antirracista, baseado na minha experiência no Programa de Extensão Teatro em Comunidades, no Centro de Artes da Maré onde ensino teatro a um grupo de crianças moradoras do Complexo da Maré. Minha paixão pelas metodologias do ensino teatral, que envolvem os alunos de forma engajada e sensível, me motivou a investigar o impacto do racismo na infância. É fundamental pesquisar formas de consolidar uma educação antirracista, porque o racismo impacta na infância, especialmente quando faltam referências negras nas escolas e, nas periferias, onde se têm uma escassez de espaços artístico-culturais permanentes que são essenciais para encorajar mentes críticas e questionadoras. Minha pesquisa foca na interseção entre o teatro e a educação antirracista, o que é especialmente relevante no contexto da Maré, onde 62,1% dos moradores se identificam como pretos ou pardos, e onde as crianças enfrentam vulnerabilidade social e econômica.

OBJETIVO

Explorar suas histórias individuais, coletivas e regionais, desconstruindo narrativas eugenistas únicas e investigando histórias e levantamentos dos alunos, relacionando a temas raciais. Também busco entender e comprovar o potencial das aulas de teatro no Centro de Artes da Maré como um espaço de prática pedagógica antirracista.

METODOLOGIA

A metodologia deste projeto baseou-se no conceito de “pesquisa-ação” proposto pelo sociólogo Michel Thiollent, que define o pesquisador como sujeito, objeto e investigador durante o processo de pesquisa. Segundo Thiollent, trata-se de “um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de maneira cooperativa ou participativa” (THIOLLENT, apud Figueiredo, 2009). No contexto deste projeto, o enfoque central foi formado pelas atividades práticas realizadas nas aulas do Programa Teatro em Comunidades. Isso foi resultado do levantamento e estudo de referências bibliográficas sobre práticas antirracistas com grupos infantis, que levou a aplicações práticas através de jogos e a apresentação de dramaturgias, que serviram como indutores para a discussão do tema.

RESULTADOS

No processo das aulas de teatro com os/as crianças da Maré, eu, as minhas parceiras de aula e os alunos, conseguimos estabelecer um ambiente seguro para trabalhar o antirracismo. O teatro estabelece um local seguro para expressar muitas questões, inclusive dores, permitindo que sentimentos muitas vezes difíceis de verbalizar encontrem forma e voz. Nesse processo de partilha, a arte não apenas conecta pessoas através de experiências comuns, mas também facilita a criação de empatia e cura, transformando a dor em algo compreensível e compartilhável. Exemplo desse movimento foi quando após levarmos o espetáculo “Feiurinha - o musical”, como encerramento do primeiro semestre de 2023 para as crianças do Centro de Artes, algumas crianças se sentiram à vontade para compartilhar relatos. O musical conta a história de uma menina que era chamada de feia pela família e sofria em casa por isso. Facilmente, os alunos identificaram uma forma de bullying nessa história e ao comentarmos sobre o tema, uma aluna, negra, relatou o que já sofreu na escola relacionado com a sua aparência, o que me intrigou foi a abertura que o espetáculo gerou para ela se sentir à vontade em contar a mais de 20 crianças e às professoras o caso. Por isso, concluí sobre a importância de criar um espaço antirracista, principalmente nos locais de aprendizado, uma necessidade que não era atendida no relato da aluna. bell hooks, em *Ensinando a Comunidade*, reforça esse pensamento ao lembrar sua infância no sul segregado dos Estados Unidos, onde crianças negras passaram a ser ensinadas por professores racistas. Isso denuncia a necessidade crucial de um ensino antirracista e para além disso, professores pretos, para promover a autoestima e o bem-estar das crianças.

Como no exemplo citado, tratamos do tema de algo que partiu da aluna a partir da apresentação de um conto de fadas, o que embasa minha crença de que o que falar sobre racismo não precisa ser feito de forma violenta e que o compartilhar dos alunos é válido e essencial. Cabe citar como o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire relata sobre a valorização da experiência do aluno, diz ele:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária[...] (FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia, 1996, p. 15)

Acredito que minha atuação na pesquisa antirracista e minha presença como professora negra foram benéficas para as crianças do programa. Ter uma professora negra não só representa uma forma importante de identificação para as crianças pretas, mas também oferece um modelo de otimismo e encorajamento. Na minha infância, por exemplo, lembro-me de poucos momentos em que tive um professor ou professora negra com quem eu pudesse me identificar.

Ver uma pessoa negra em uma posição na qual geralmente quem ocupa é branco traz um senso de pertencimento e inspiração, especialmente quando se aborda obras e práticas que valorizam a cultura negra. Retomo à professora bell hooks, que em seus escritos, compartilha como a presença de suas professoras negras a ajudou a entender a resistência contra o colonialismo e a moldar sua visão de mundo. Essa perspectiva é um exemplo claro de como a representatividade pode enriquecer a experiência educacional e empoderar alunos de diversas origens:

Para os negros, o lecionar - o educar - era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista. Com efeito, foi nas escolas de ensino fundamental, frequentadas somente por negros, que eu tive a experiência do aprendizado como evolução.

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso dela será nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa evolução ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formulassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial [...]. (HOOKS, bell., 2019, p. 10)

Minha experiência na prática teatral também me mostrou que a não violência pode ser uma poderosa ferramenta para criar espaços antirracistas. Nas minhas aulas de teatro, busquei e tenho buscado firmar um ambiente onde essas discussões possam acontecer de maneira coletiva e construtiva, valorizando o diálogo e a empatia. É possível abordar questões profundas e dolorosas, como o racismo, de uma maneira que promova a transformação, sem recorrer à agressividade. E quando menciono agressividade me refiro a trazer à tona vivências racistas para discutir soluções sem com que eu saiba se os alunos estão à vontade com isso, prefiro que esse movimento de expor vivências venha deles. Assim, conseguimos construir um espaço inclusivo e seguro, onde todos possam compor as aulas sobre o tema.

Outro momento que me trouxe importantes constatações, foi quando apresentamos aos alunos o espetáculo de um estudante do curso de atuação da Unirio, Wallasse Macedo. A apresentação, intitulada “Florescer”, tinha como tema o racismo. A apresentação conta a história pessoal dele, os ataques racistas que sofria na escola, a hiper sexualização do seu corpo na adolescência e como se descobriu negro e se aceitou dessa forma, conseguindo enxergar beleza em seus traços pela primeira vez.

Inicialmente fiquei receosa por achar que as crianças não entenderiam o assunto, porque o Wallasse falava das agressões e pensamentos com clareza, de certa forma subestimei o entendimento deles, porque eu quando em minha infância demorei a entender as situações de racismo que não gostava e nem era encorajada a falar explicitamente sobre. Logo após a apresentação ouvi alguns comentários sobre racismo que já sofreram, a turma se engajou na discussão por si própria sem intervenção das professoras. Inferi então, que temos uma infância mais consciente hoje e que já se tem, em muitos deles, consciência racial e social, e senso crítico sobre esses assuntos e que mais do que

nunca, na contemporaneidade, há necessidade de espaços artísticos que permitam essas crianças a trabalharem todo o conhecimento que já carregam e que possam compartilhar com a comunidade seus pensamentos e criar.

Em outro momento, tivemos a oportunidade de levar as crianças a um musical chamado "Makeda - a Rainha da Arábia Feliz". O espetáculo narra a história de Makeda, uma menina destinada a ser rainha, mas que enfrenta inseguranças relacionadas à sua aparência e capacidades. A trama segue a jornada de Makeda e seu trisavô, que a ajuda a se conectar com suas antepassadas por meio da imaginação.

Essa história é especialmente significativa para a infância e juventude negras, pois aborda o anti racismo de forma lúdica e brincante. Makeda busca no passado o reflexo da beleza e da inteligência de suas antecessoras. Em um determinado ponto da narrativa, Makeda expressa desconforto com seu cabelo crespo. O texto transforma essa situação em uma oportunidade de empoderamento para as crianças, utilizando música e coreografia sobre a auto aceitação e valorização da própria identidade. Sobre negritude e identidade, e ainda, sobre a importância da forma como se da valorização e a importância disso para a juventude, bell hooks expõe:

A afirmação da negritude não precisa inverter estruturas de dominação, nem implica desvalorizar outras experiências. A negritude é reafirmada quando estudantes que previamente mantinham percepções estreitas sobre a experiência negra expandem sua consciência; isso é verdade tanto para estudantes não negros quanto para negros. (hooks, 2019, p. 155)

O movimento de expansão da consciência entre estudantes negros é crucial para a transformação da estrutura eugenista que perpetuam desigualdades raciais. Ao ampliar a conscientização e encorajar uma compreensão mais profunda sobre injustiças históricas, os estudantes desempenham um papel importante na desconstrução de ideologias discriminatórias.

Percebo que espetáculos que trazem o antirracismo dessa maneira, nos dias de hoje são muito mais relevantes ao trabalhar antirracismo do que peças que trazem à tona violências racistas para promover algum tipo de conscientização para pessoas brancas. De fato, a estrutura antirracista se dará a partir do movimento de toda sociedade, mas reviver violências muitas vezes só reforça o que já se sabe o que acontece e fere as pessoas negras.

CONCLUSÕES

A experiência no teatro com as crianças da Maré revelou a importância de criar espaços seguros e empáticos para abordar o antirracismo, e que é importante a presença de pessoas negras conduzindo esses processos. Além da inclusão de obras que promovem a autoestima e a identificação cultural, que são essenciais para o desenvolvimento das crianças. Relatos como os das crianças após os espetáculos "Feiurinha - o musical" e "Makeda - a Rainha da Arábia Feliz" mostraram que elas possuem uma consciência racial significativa e que deve ser relevada e trabalhada. Essas constatações têm sido extremamente enriquecedoras para minha formação como professora, oferecendo experiências que todo educador deveria considerar. Pretendo continuar pesquisando e levar essa investigação como tema para meu trabalho de conclusão de curso, aprofundando ainda mais essas questões essenciais para uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. SP: Martins Fontes, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

THIOLLENT, apud Figueiredo, 2009.

hooks, bell. *Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefant, 2021.